A perda de audição ao longo da vida tem impactos na saúde e capacidade neurológica do indivíduo, podendo levar a quadros de demências. Entenda como ocorre essa interação

POR TAINÁ HURTADO

Choros, risos, conversas, gritos e músicas são alguns dos sons que ouvimos cotidianamente e transformamos em respostas, momentos, lembranças e emoções. Entretanto, existem pessoas que perdem a audição ao longo da vida e precisam encontrar outras maneiras de viver essas interações.

A audição é um dos sentidos mais importantes para a percepção do ambiente ao nosso redor e a sua perda interfere na maneira de nos relacionarmos, não só com as pessoas, mas também com nós mesmos. Essa perda pode afetar, inclusive, a saúde neurológica do paciente.

Segundo o otorrinolaringologista do Hospital Santa Marta André Neri, a surdez é definida como a diminuição da capacidade de ouvir, quando a pessoa não consegue mais entender ou perceber os sons ao redor, e pode ser leve, moderada, grave ou profunda. "A surdez profunda é aquela na qual o indivíduo não escuta nada, é surdo, podendo ser unilateral, quando só um ouvido não é capaz de perceber nenhum som, ou bilateral, quando os dois são afetados."

De acordo com André Neri, a perda progressiva da audição é mais comum em pessoas a partir dos 65 anos, momento que ocorre o desgaste natural da cóclea, o órgão auditivo. "A cóclea vai perdendo as células ciliadas, que são responsáveis por captar e transformar o som mecânico em um som elétrico para que o nosso cérebro perceba, essas células vão morrendo e se perdendo", explica o otorrinolaringologista.

A audição e o cérebro

Segundo o neurologista do Hospital Anchieta André Reis, a audição faz parte do sistema sensorial. "Ele é o responsável

pela captação de informações, tanto de dentro como de fora do nosso corpo, e a conversão delas em impulsos elétricos, que, no cérebro, serão utilizados como parâmetros para realização de diversas atividades do nosso dia a dia", explica.

André ressalta que as informações auditivas auxiliam em diversas tarefas complexas, a exemplo de respostas instintivas, como fugir de barulhos intensos ou ficar em alerta de acordo com determinado tipo de som. Além disso, a audição auxilia na comunicação verbal, interação social e no desenvolvimento de atividades lúdicas.

Sobre a relação da audição com as demais funções cerebrais e comportamentais, André Reis explica que a perda auditiva pode promover prejuízos relacionados à conectividade cerebral. A longo prazo, promove atrofia cerebral das regiões de maior conexão com áreas auditivas, podendo aumentar o risco para demências, como o Alzheimer, piorar a concentração e influenciar nas habilidades de comunicação social e funções executivas complexas, prejudicando a funcionalidade do indivíduo.

"A falta de entrada auditiva no nosso cérebro faz com que as células morram e, então, a pessoa fica mais suscetível a doenças neurológicas de esquecimento. Se você escuta menos, você está fadado a ter uma baixa memória mais na frente", completa o otorrinolaringologista André Neri.

Para o neurologista André Reis, a redução da interação com o ambiente modifica a capacidade de perceber o mundo, o que pode afetar a vida do paciente de diversas formas. "Se não for treinado ou corrigido de forma adequada, pode promover prejuízos cognitivos, emocionais e até mesmo riscos à saúde quando não nos atentamos aos barulhos que podem estar associados a situações perigosas."

***Estagiária sob a supervisão de Ailim Cabral**

Muito a

CAUSAS

Segundo a audiologista e especialista em saúde auditiva, Ariane Gonçalves, são diversas as causas da perda auditiva gradativa, podendo ser a exposição prolongada a ruídos altos, como o uso de fones de ouvido, ou então o processo natural de envelhecimento que leva a perda auditiva, chamada de presbiacusia. A especialista cita mais algumas causas comuns:

- Doenças crônicas, como diabetes e hipertensão
- Medicamentos ototóxicos
- Infecções do ouvido crônicas
- Doenças autoimunes
- Traumas ou lesões na cabeça
- Existe também a surdez congênita, ou seja, aquela em que o indivíduo já nasce sem o sentido da audição. De acordo com Ariane, as causas podem variar desde mutações genéticas hereditárias, infecções e/ou exposição a substâncias ototóxicas durante a gravidez, até complicações no parto, como falta de oxigênio, baixo peso ao nascer e icterícia severa.

SINTOMAS, DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO

- Os sintomas de que uma pessoa está gradativamente perdendo a audição podem ser bem claros. Dificuldade em entender conversas, especialmente em ambientes barulhentos, sensação de que os sons estão abafados ou distantes, a presença de um zumbido nos ouvidos (tinnitus) são alguns dos sinais citados pela audiologista e especialista em saúde auditiva.
- "Pedir frequentemente para as pessoas repetirem o que disseram e/ou a necessidade de aumentar o volume da televisão ou do rádio, são outros sinais de que uma pessoa pode estar perdendo a audição", completa. Ao perceber essas características, o próprio paciente ou então as pessoas ao redor, é necessário o encaminhamento para um otorrinolaringologista para diagnóstico e tratamento.

Ariane cita quatro exames principais para diagnosticar a perda auditiva:

- **Audiometria:** teste que mede a capacidade auditiva em diferentes frequências e intensidades.
- **Timpanometria:** avalia a função do ouvido médio.
- **Emissões otoacústicas:** mede as respostas do ouvido interno a estímulos sonoros.
- **Potenciais evocados auditivos:** avalia a resposta do nervo auditivo e do tronco cerebral aos sons.
- Após o diagnóstico, as opções de tratamento incluem o uso de aparelhos auditivos, implantes cocleares para casos de surdez profunda, terapia de reabilitação auditiva e tratamento médico ou cirúrgico para infecções ou problemas estruturais.